



classica

Classica - Revista Brasileira de Estudos

Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos

Clássicos

Brasil

GAZOLLA, RACHEL

Representação compreensiva: critério de verdade e virtude no Estoicismo Antigo
Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 19, núm. 2, 2006, pp. 187-195

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos

Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770884013>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Representação compreensiva: critério de verdade e virtude no Estoicismo Antigo

RACHEL GAZOLLA

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Brasil

RESUMO. Este estudo tenta apresentar a relação intrínseca entre a Epistemologia e a Ética no Antigo Estoicismo. Para isso, é necessário entrelaçar as noções de Natureza e Corpo, de um lado, e Alma e Incorpóreo de outro. A virtude é corpo para a Stoa e a interpretações das ações são incorpóreas. Isso aponta para um paradoxo a ser estudado.

PALAVRAS-CHAVE. Estóicos; virtude; paixões; natureza; epistemologia; ética.

Os antigos estoicos, como se sabe, criam um interessante sistema para pensar a Filosofia no qual todas as partes, absolutamente interligadas, são metaforicamente expostas como se fosse um organismo. Uma das metáforas é a de que os ossos e nervos seriam a Lógica, a carne seria a Ética e a alma, a Física (D.L. 7.40 – SVF 2.38). No que concerne à Lógica, além de desenvolverem uma sofisticada teoria das proposições (que diz do significante, significado, sentido) que são construídas segundo a concepção própria de phýsis da Stoa, é explicada, também, a noção de alma e seu modo de conhecer, reflexão que auxiliará, séculos depois, as filosofias do século XVII e XVIII baseadas em noções estoicas caras a nós ainda hoje: os homens são iguais por natureza, fraternos e livres. Esses valores obedecem a certos critérios para pensá-los no Antigo Estoicismo, diferentes da modernidade, e vão a par e passo com uma específica leitura da natureza a partir da qual é dito como o homem conhece o que o rodeia, como julga e como tais julgamentos determinam seu modo de agir.

Gostaria de ressaltar, nesta breve exposição, que para o Pórtico os julgamentos fundam a chamada escolha ética, e podem ser livres ou não. Serão livres se houver uma base criteriosa para julgar bem, portanto, é necessário saber quais os critérios do conhecer e julgar para assentar-se o que seja uma ação propriamente ética. A relação entre Epistemologia e Ética é inquebran-

tável para a Stoia, algo que a Modernidade foi perdendo e que nos nossos dias tornou-se quase irrelevante tal relação. Dito isso, pretendo apresentar, de modo sintético, a importância da chamada *representação comprehensiva* como critério para a verdade do conhecer e fundamento para a escolha ética estóica, logo, para a tranqüilidade da alma, ou, se se quiser, para a vida feliz. Sem a representação comprehensiva não é possível exercer bons julgamentos, de modo que o bem agir dela depende.

A Stoia é uma filosofia dogmática, no sentido de afirmar certos princípios e, a partir deles, construir sua reflexão. Um dos princípios é o de que a Natureza dá ao homem todas as condições para segui-la, e segui-la é a suprema excelência (*areté*), mas o homem dela se afasta inevitavelmente, não sendo excelente (ou virtuoso). Outro princípio que interessa é o de que o homem é natureza, razão suficiente para não se compreender por que ele não segue aquilo que ele mesmo é. A tradição interpretativa mais assentada afirma, diante desse paradoxo, que os estóicos buscam uma filosofia que apresente todo o instrumental para o aprimoramento ético constante, e assim sendo, todas as nossas ações poderiam transformar-se de ações pouco virtuosas a virtuosas, mediante o exercício desses instrumentos para o bem agir. Com o tempo de nossa vida, nossos aprendizados, nossas experiências — diz grande parte dos intérpretes — chegaríamos progressivamente à virtude, logo, seguiríamos a natureza e teríamos tranqüilidade de alma.

Evidentemente, esse exercício tem a ver com a representação comprehensiva, e logo mostrarei o que ela é. No entanto, minha tendência é a de afastar-me dessas leituras. A excelência é pertinente ao sábio, dizem os estóicos. Nós, homens comuns, não somos sábios e nem os filósofos são sábios, e é efetivamente o que recollhemos nos fragmentos: essa filosofia afirma que o sábio não existe e nem se sabe se existiu ou existirá. Se assim for, somos obrigados a aceitar que jamais se alcança a excelência ética e a tranqüilidade da alma no sentido que a tradição interpretativa leu — por meio do exercício progressivo em direção ao melhor —, mas apenas nos exercitamos para isso na medida do possível e alcançamos, por vezes, momentos, instantes, de excelência e tranqüilidade, questão a que voltarei. Não há via progressiva para o melhor, a meu ver. Dito de outra forma — é introduzindo agora a questão do conhecimento —, se existisse um sábio, ele seria aquele que sempre fundaria seu viver em representações comprehensivas, pois que são elas o critério para conhecer verdadeiramente e agir virtuosamente. O sábio, em existindo, sempre estaria acompanhando o modo de ser da *physis*, ou seja, estaria sempre em consonância com ela, instante “após” instante. Afinal, dizem os estóicos, estamos na *physis* e ela está em nós; segui-la será o que devemos fazer para sermos e agirmos também segundo nosso próprio ser. A máxima estóica é, como se sabe, “seguir a natureza”.

Nesse primeiro quadro, o paradoxo abre-se em dois flancos: (a) por que o homem tendo nele a *phýsis* e sendo ele mesmo *phýsis* não a segue? (b) se as representações compreensivas garantem o critério de verdade e bem agir, se temos esse poder de conhecer a verdade, por que não agimos sempre de modo excelente usando essas representações?

O ponto de interesse da escola estará, a meu ver, em pensar o reverso do que afirma como dogma, ou seja, se a natureza é dita perfeita, se é divina, se todos os seres são excelentes por ela e nela, e seu modo de mover-se é eterno, o reverso é perguntar sobre as perturbações da perfeição e como são possíveis. Ora, as perturbações do mover-se perfeito têm nome na Stoa: são as paixões pleonásticas ou exacerbadas, ponto que abordo a seguir.

Os estoicos afirmam que são as paixões que perturbam a alma e podem levá-la a julgar de modo incorreto, à margem do modo de julgar em consonância com a *phýsis*, como foi dito¹. As paixões perturbam a alma e corpo em tal grau que afastam o homem de sua própria natureza. Como é possível pensar assim se a natureza é una e perfeita e não há dois cosmos? O que são as paixões e como incidem no conhecimento adequado da alma é o que se procura responder. Deve-se ter cuidado ao falar sobre esse tema, uma vez que se encontra muito assentada a idéia de que os estoicos são contra as paixões. Surpreendentemente, não é o que se lê nos fragmentos. Vejamos.

A Stoa diz que a paixão (*páthos*) é uma perturbação do movimento da alma. Ora, a Natureza é dita *Sóma* (corpo) em sentido específico pela escola, sendo que corpo é tudo o que age e padece. Nesse conceito cabe também a idéia que hoje temos de corpo como matéria sólida, porém solidez é apenas parte desse conceito. A alma, a virtude, as coisas que vemos, tudo isso é *sóma* porque age e padece. Apesar de ser difícil seguir essa definição devido à nossa arraigada concepção da Mecânica clássica, temos que a alma é, para os estoicos, pensada em dois aspectos: como um corpóreo elementar e como um corpóreo universal, metafísico, um sopro divino (*pneuma*) cuja essência é a mesma da natureza: age e padece. Tudo tem alma, e ela apresenta-se no homem de certo modo, e em outros seres, de outro. Se quisermos, podemos dizer que a Alma do Mundo (ou Universal) é a mesma que está no homem, porém nele apresenta qualidades específicas que o fazem ser o que é, assim como se expressará com outras qualidades no mineral, no vegetal ou nos animais...

Note-se que todas as perturbações do modo de ser da alma, de seu agir e padecer, fazem parte do próprio modo de ela ser como algo que, por essência, é perturbável, vale dizer, recebe *pathémata*, afecções, paixões. O problema está, portanto, em que certos modos de mover-se são ou não são segundo a

¹ Maiores detalhes sobre as paixões em R. GAZOLLA, *O Ofício do Filósofo – o duplo registro do discurso estoico*, S. Paulo, Loyola, 1999.

natureza dessa alma específica que é a humana. A paixão enquanto tal não é, nessa leitura, algo desvalorizado na doutrina estóica, e tudo depende do modo como um *páthos* moverá a alma para que seja afastado como perturbação a ser negada ou afirmada. A paixão não é indesejável, nem poderia sê-lo pois é um modo de ser da *phýsis* no homem, e nem está no pleno domínio da essência humana recebê-la sempre do mesmo modo. Temos a alma perturbável por natureza, passional por natureza, e as sensações e representações são paixões enquanto movimentos anímicos.

Aetius noticia (*Plac.* 4.12 – *SVF* 2.54), para citar um só exemplo entre muitos outros, que ‘... a representação (*phantasía*) é um *páthos* que vem a ser na alma ...’. Esse *páthos* é uma espécie de marca na alma, uma *týposis*², ou ainda, uma transformação do *pneuma* no hegemonic, nome dado ao que a Stoa consigna como o centro da alma para onde todo *páthos* se dirige e de lá se espalha ‘como uma teia de aranha por todo o ser’ (Diocles de Magnésia, *SVF* 2.71; Alexander Aphrodisiensis, *SVF* 2.59). Poder-se-ia dobrar as notícias, mas não nos limites desta apresentação.

A alma especificada no homem tem, à diferença de outras almas, uma potência nomeada *lógos*, e é exatamente esse núcleo teórico da escola que propicia compreender o que é a representação compreensiva e seu *páthos*, bem como as *páthe* que podem prejudicar a alma, essas sim, que devemos afastar pois nos trazem dificuldades. A alma tem muitas potências, dirá Crisipo, o estóico que estruturou logicamente as teses de Zenão de Citium, o fundador da Stoa, e há uma força ativa na alma que recebe o nome de *synkatáthesis* (assentimento). Essa *dynamis* anuncia a presença de algo que se impôs à alma como presença, a que se nomeia representação (*phantasia*). O que é isso que se dá a mim? como julgá-lo? A partir daí, um exercício árduo será feito pelo poder logístico da alma, para conhecer as condições dessa presença e poder aceitá-la como “x”, ou seja, confirmá-la, assenti-la. Assim fazendo, essa presença pode ser recebida como *phantasia kataleptiké*, termo traduzido por representação compreensiva.

Essa representação é o critério para o julgamento verdadeiro (Cícero, *SVF* 1.61, 66 e 68), pressupõe a presença de algo e o cuidadoso trabalho para assentir a esse algo como evidente, certo, já que recebemos múltiplas presenças na alma e de vários modos. Como diz Crisipo, não se deve assentir a todas sem um trabalho laborioso do logístico (Sext. Emp. *Math.* 8.397).

No entanto, o homem sempre precisará desse árduo trabalho para conhecer entre sensações e representações que lhe chegam? Não. Há presenças que se dão naturalmente (*physikós*) e sobre elas não temos que decidir: são as sensações enquanto essa espécie de *týposis* (marcas de coisas na alma),

² Cf. Sextus Empiricus, *M.* 7.236; Alexander Aphrodisiensis, *SVF* 2.59; Philon, *SVF* 2.57.

ou *heteroíosis*, como nomeou Crisipo às afecções. Também as chamadas noções comuns (*koinai ennoiai*) são dadas espontaneamente, sem necessidade de engenho e arte (Aët. *Plac.* 4.11 – *SVF* 2.83), todos os homens têm, como é o caso do Bem, do Belo, do Divino, o que os faz iguais por natureza. São estes movimentos anímicos do próprio sopro cósmico que dizem respeito ao modo da alma especificar-se nesse ser que é o homem. Se tivéssemos só as noções comuns, só as sensações e representações por natureza, não teríamos o labor do lógistico, nem da escolha para julgar, não teríamos, afinal, a Ética como um saber criterioso quanto às próprias ações. Em assim sendo, não haveria necessidade da emergência de uma cara noção resguardada ao campo ético: a noção de liberdade.

A questão deve ser colocada da seguinte forma: como surgem os outros *pathémata* anímicos que nos fazem sair do campo primeiro, o natural, para viver no segundo, o das escolhas “não primariamente naturais”? E quando os estóicos dizem escolhas, não se trata de escolher entre bens e males, pois se a saúde é um bem e a doença um mal, dizem eles, não se pode afirmar que houve um árduo exercício para escolher. Trata-se, portanto, de criar um campo específico de junção do saber e agir, sujeito ao labor da alma humana, a que denominaram “indiferentes” (*adiaphoroi*). Esse é o campo ético por excelência, o campo onde pode emergir a noção de liberdade de escolha, campo fundante do propriamente ético. Diógenes Laércio noticia (7.105 – *SVF* 3.126):

... Indiferentes quer dizer o que não põe em movimento nem a inclinação, nem a repulsão, como ter sobre a cabeça cabelos em número par ou ímpar... As coisas indiferentes são umas a preferir, outras a não preferir: são preferíveis (*proegménā*) as que têm um valor, e não preferíveis (*aproegménā*) as que são a desdenhar... Um valor é um certo poder secundário, aquele que ajuda a uma vida conforme à natureza, por exemplo, aquela ajuda que a riqueza ou a saúde podem trazer para viver conforme à natureza ...

Riqueza, saúde e outros bens são, assim, valores secundários porque considerados possíveis e eventuais facilitadores para uma vida feliz, mas não trazem necessariamente a felicidade por si mesmos. O campo dos indiferentes, verdadeiro campo da escolha ética, tem como fundamento a representação compreensiva e seu bom uso, como foi dito. Porém, não cabe adentrar na discussão sobre os indiferentes, mas fica marcado que a doutrina estóica não aceita tábua de valores externos a seguir, pois o valor ético estará dependente da escolha de cada um, e é estruturado na interioridade da alma em exercício do lógistico voltado ao assentimento (*synkatáthesis*).

Até aqui, temos que, por natureza, o *lógos* é força atuante, é divino, sopro ordenador cujo modo de ser depende, no homem, da instância anímica

que é seu logístico, e que seu movimento é primariamente natural. Neste caso, o pensar humana será divino, ordenado, perfeito porque em consonância com o lógos cósmico. Mas, pode apresentar-se transtornado na sua força, o que depende do tipo de coisa que vem a movê-lo de modo a torná-lo fraco, afastado da natureza, desordenado. Para a Stoa, são os desejos (*epithymíai*) que, eventualmente, transtornam o *lógos*, desejos que nada mais são que impulsos impostos à força ao *lógos*, que vem a ser envolvida por eles; enfraquecido o *lógos*, frágil será a análise das circunstâncias de uma representação recebida e do assentimento a ser dado a ela. Ora, os desejos são parte da própria natureza, são parte do *quid* humano, vale dizer que, para os estoicos, a alma é um campo de forças de muitos tipos.

Então, se o *logistikón* tem sua força própria, o nomeado *hormetikón*, também uma instância anímica referida às inclinações (*hormai*) ou impulsos, também tem sua. Noticia Cícero a respeito (*Off. 1.101*):

... de natureza dupla é a atividade da alma: ela reside, em parte, nos apetites — em grego *hormé* — que envolvem o homem aqui e ali; por outro lado, (reside) na razão que ensina e explica o que se deve fazer e evitar...

Sendo assim, já se percebe que às representações cujo assentimento é dado de maneira débil, a estas não se aplica o critério de verdade, pois que provocam perturbação não aceitável no poder de assentir. Essas representações debilitadas originam sentenças débeis, como é o caso das *doxai*, e infere-se que elas não são um solo adequado para escolher como agir bem. O mólide desses julgamentos sem assento no critério de verdade (na *phantasia kataleptiké*) é a força do *hormetikón*, das tendências (ou impulsos) expressas na alma por meio dos desejos que se apresentam de modo exacerbado, excessivo. Crisipo nomeia essas paixões que perturbam o movimento do *lógos* e comprometem os julgamentos de pleonásticas, exageradas. Essas, e somente essas, devem ser reprimidas na medida de nossas possibilidades.

Para saber sobre elas e aprender a dominá-las, temos de conhecê-las quando aparecem na forma de “impulsos desejantes excessivos”. Um catálogo de noventa e duas paixões exacerbadas é estruturado pela Stoa com tal objetivo. Um exemplo simples: se estamos ansiosos para achar a verdade dentro de um encadeamento lógico rigoroso, é bem possível que tal ansiedade nos leve a sofismar; se estamos irados, qualquer julgamento que façamos pode comprometer-se devido à ira; se estamos com febre, o doce poderá ser julgado amargo... e assim por diante. São exemplos que abarcam os três campos que costumamos distanciar e a Stoa, não: o lógico, o psicológico, o fisiológico.

Ao que parece, estamos diante de uma doutrina filosófica preocupada em saber sobre impulsos *álogoi*. É preciso marcar que, contrariamente a

parte da tradição interpretativa, recolhe-se dos fragmentos que eles existem na alma por natureza e dependem de provação, no sentido original da palavra, de chamamento das coisas de dentro ou de fora de nós, e que podem ser perturbadoras eventuais do modo de ser em adequação com a *phýsis*. Ter o impulso para comer ou beber é *páthos* natural, mas saber o quanto se come ou se bebe depende do assentimento do *lógos*. Se ele estiver sob desejo exacerbado não assentirá segundo sua própria dinâmica “natural”. Essas pro-vocações, esses chamamentos ou ímpetos perturbadores exagerados não são somente ligados ao excesso de comida, bebida, etc., mas também aos desejos amorosos sem limites, à inveja, ódio, ira, preguiça e a todas as enfermidades que nos advêm e que nos confundem quanto ao doce e amargo, à leitura das circunstâncias em estados febris, depressivos ou biliosos, etc. Uma enfermidade é sempre um transtorno do corpo (soma) natural, lendo-se corpo no sentido estóico do que age e padece.

Há nos antigos estóicos não só um pensamento integrador do físico como campo vital organizado, mas do psíquico como campo de forças e do metafísico. Evidencia-se um ensinamento sobre os móveis humanos pouco conhecidos, forças que habitam em nós e que não nos são claras, apesar de constantemente incidirem de muitos modos e se atualizarem em função da nossa própria vivência com o outro e conosco mesmos. Para um estóico, o cosmos é perenemente *míxis*. Trata-se, no homem, de seguir essa *míxis* em nada caótica, ao contrário, previsível e articulada, que não podemos ver de modo total por não termos o olhar de Zeus.

Se tentarmos responder, agora, à pergunta antes feita quanto ao porquê de nos afastarmos da própria *phýsis* perfeita e divina, para adentrarmos no campo frágil das paixões exacerbadas transtornadoras do *lógos*, já se pode responder, ao menos parcialmente: somos um lugar de forças contrárias por natureza — afirmação jamais negada por qualquer filósofo grego anterior —, e é um trabalho de Hércules, o herói dos estóicos, que temos de exercer para buscar a tranquilidade da vida (ou *eudaimonia*) enquanto equilíbrio dessas forças, sem retirar nenhuma delas, pois estariamos mutilando, se assim fosse, nossa própria natureza. Esse exercício, de um lado, mostra que não somos sábios, mas nossa humanidade assegurar-nos a presença da sabedoria como paradigma; de outro, obriga-nos à liberdade pensada como escolha laboriosa entre as representações bem refletidas. Ora, será o filósofo — sabedor desse campo de forças contraditórias que somos, porque é ele o grande leitor da Natureza —, aquele que deverá ensinar a Lógica, a Ética e a Física aos discípulos, para que a vida feliz seja buscada mesmo que jamais possa ser alcançada como um estado contínuo.

Nesse aspecto, os estóicos são claros: não há tempo progressivo para atingir o melhor, para o aprimoramento moral. O tempo da ação ética é

pontual, é o momento da boa escolha proveniente da análise das presenças imediatas na alma, do instante do assentimento dado a elas. A liberdade está nesse vértice. O tempo estoíco é o instante, que a rigor não é tempo, e nada é projetado ao futuro, de modo que, contra as interpretações assentadas, não se trata para um estoíco de buscar a felicidade no exercício progressivo do bem agir. Afinal, nada garante que o bem agir de ontem se repita no de amanhã, muito pelo contrário: o amanhã está eivado de interpretações anteriores que costumam aderir ao que ainda está por vir, como se servissem ao que ainda não é. Nada é projetado ao futuro — que como tal não existe —, e quanto ao passado, já não é. O que é, é agora³.

O exercício para conhecer as próprias paixões é atual, pontual, e o máximo que se tem é uma espécie de “terapia preventiva”, como aconselhará mais tarde Marco Aurélio nos seus pensamentos (6.27):

... Não considerar presentes as coisas ausentes; das presentes, computar as que são mais propícias e, por isso, imaginar como seriam procuradas se não estivessem presentes. Ao mesmo tempo, contudo, toma cautela para não te acostumares, pela satisfação que experimentas, a dar-lhes tão subido valor que sua falta eventual possa conturbar-te.

Para que os desejos exacerbados não sejam recebidos com toda a força pela alma, a ponto de transtornar a força logística, é preciso conhecê-los e conviver com sua possibilidade antes que venham. Uma vez instalados, nada mais há a fazer senão esperar esse excesso diluir-se, como disse a Stoia. Porém, se estivermos ao menos preparados para isso, a tranqüilidade da alma não desaparecerá totalmente, ou seja, o campo de forças não terá um lado totalmente submetido ao outro. Trata-se, uma vez mais, e com a especificidade que é própria ao Pórtico, da velha escola do “tudo na medida”, porém em outro ângulo reflexivo.

Para concluir esse rápido apanhado da relação entre Teoria do Conhecimento, Ética e Física pensado pela Stoia, não é demais citar uma passagem que dá a dimensão exata do que pretendiam esses filósofos sistemáticos e “funcionalistas”. Crisipo disse que (Cic. *Fat.* 19):

... Assim como, empurrando um cilindro fazemos com que comece seu movimento, mas não lhe podemos dar a propriedade de rolar, também a representação será marcada e marcará sua forma na alma, mas nosso assentimento estará em nosso poder; empurrado do exterior como se disse sobre o cilindro, ele se moverá por sua própria força e por sua natureza.

³ Sobre o assunto “temporalidade estoíca”, veja-se o belo livro de V. GOLDSCHIMDT, *Le système stoïcien et l'idée de temps*, Paris, J. Vrin, 1953.

Nesse sentido, há um “destino”, uma natureza inalienável do cilindro. À margem do *quid* de cada coisa e de suas causas necessárias há todas as outras causas que não as determinadas pelo “destino”. Sobre estas exercitamos nosso *lógos* na medida do possível, lemos os efeitos dos impulsos representados em nós da melhor maneira, se queremos exercitar a *phýsis* do *logistikón* segundo sua fonte originária (*kata phýsin*); ou, se os desejos são representados em nós com força incontornável para o *logistikón*, nesse caso, sairão quando eles mesmos quiserem, independentes de nosso poder reflexivo, pois que uma força domina outra sem medida. Por um tempo, estaremos anulados numa batalha de um só vencedor, o que, a rigor, não é batalha.

Assim sendo, é possível inferir que a história humana é o solo fértil para a produção das causas não necessárias e de toda a gama de efeitos relativos ao *hormetikón*, ao campo dos impulsos que podem transtornar, pelo excesso de força, o *logistikón*. A construção histórica pode indicar, nesse viés, o afastamento da força natural do *lógos* deixando-o em meio a interpretações débeis, logo, dos julgamentos errôneos. Afinal, é a historicidade do homem o lugar propício para a expressão dos desejos exacerbados mesclados de logicidade frágil. Os estoicos parecem ler desse modo a historicidade ao negarem valor aos templos, monumentos, à educação existente, à moeda, a todas as instituições, e até quanto ao modo de os homens se vestirem. A História parece ser, para eles, a fonte mais propícia para levar as inclinações ao excesso, dando nascimento às paixões pleonásticas difíceis de controlar.

Para concluir, o discurso estoico — naturalista, integrador, até funcionalista se se pode dizer — privilegia uma certa leitura da natureza e nega tudo o que dela se afasta, e em nossos dias, quando a Ética se esgarça como campo próprio da escolha refletida, e as paixões exacerbadas têm campo fértil alimentado por inesgotáveis objetos de desejos cotidianamente criados no mercado, os estoicos têm muito a dizer sobre nossa própria identidade como campo de forças em luta, ou como campo já repartido entre vencidos e vencedores.

TITLE. *Intelligible representation: criterion of truth and virtue in Ancient Stoicism.*

ABSTRACT. This paper tries to present the intrinsic relationship between Epistemology and Ethic in the Ancient Stoicism. For this, it is necessary to intertwine, in one aspect the Nature and Corporeal notions, and the Soul and Incorporeal, in the other. The Virtue is a Corporeal to the Stoa and the interpretations of the actions are incorporeals. This aims a paradox to be studied.

KEYWORDS. Stoics; virtue; passions; nature; epistemology; ethic.